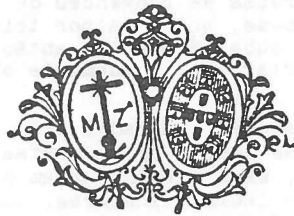


BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL

II

O TRIUNFO dos MEDÍOCRES...

Ante as preocupações decorrentes da hora trágica que vivemos, agravadas em cada dia pelos mais subtils e desvairados factores de desagregação, ocorre meditar um pouco sobre um dos grandes agentes sabotadores da nossa época e, decerto, uma das supremas causas da actual situação histórica: -a tendência geral para a mistificação, que se nota nos políticos e nas massas, nos escritores e nos homens de negócio, nos artistas e nos trabalhadores.

Depois do sec. XIX que em alguns países se caracterizou por uma larga sementeira de erros e desvarios mas, em Portugal, se assumiu, apesar de tudo, como época de felizes horas e progressivas realizações, o mundo começou a viver a euforia de uma civilização trepidante, feita de velocidade e de aventura mas, igualmente, de amoralidade e de relaxamento, que cada vez mais foi envilecendo e desumanizando o Homem.

E se a nossa época não tivesse degradado tanto os valores absolutos e não demonstrasse tão inequivocamente que odeia a inteligência e a verdade, talvez que houvessem sido banidos, em boa parte, esses embusteiros, néscios e incompetentes, que gozam as quantiosas prebendas de situações fagueiras que lhes foram propiciadas -e que de modo algum mereciam, por não terem o mínimo de qualidades que as justificassem.

As próprias palavras de Jesus têm servido para tudo, mesmo para os falsos cristãos tripudiarem das máximas do Evangelho. Na verdade, quando Ele pregava as doces e admiráveis parábolas da sua doutrina salvadora, que inundavam de uma suave luz celeste as almas dos que O escutavam em estático embevecimento, não deixou de frisar, por mais de uma vez e em subtil advertência que se, na verdade, todos somos iguais em nome da augusta democracia que, como redenção vinha trazer aos homens, cumpriria a estes seleccionar entre si os melhores e os mais bem dotados -sem que para isso influíssem, de algum modo, riquezas ou nomes ilustres, favores ou bajulações, interesses ou vaidades.

No entanto, esta linguagem parece inteiramente obsoleta nos tempos de hoje, aos ouvidos de muitos, mesmo dos que continuam a escutar o seu eco -e que de todo se fazem desentendidos! Com efeito, as deslealdades, os caprichos e as ganâncias pessoais, o triunfo espalhafatoso das mediocridades hábeis, o ódio à inteligência e à democracia (considerada esta, bem entendido, no seu pleno "sentido cristão") têm levado a caminhos ímproos e a encruzilhadas perigosas.

Desumanizada a Vida, porque a deixou deslaçar-se das fontes essenciais do cristianismo, o homem bem depressa se convenceu de que, afinal, só transigindo, simulando, abjectando-se, acabaria por triunfar, mesmo que fosse, até, nos simples lugares subalternos. E, então, fechou os ouvidos à voz da consciência, para abortar facilmente os remorsos incomodativos!

Lancemos, por exemplo, a nossa vista aos variados postos da administração e logo aí veremos muitos e muitos desses oportunistas sem escrúpulos, olhos esbugalhados pela ambição, saracoteando-se em passes de dengoso narcisismo, a fruírem de pingues e lautas sinecuras, que acabaram por obter à custa de lisonjas, transigências, degradações de toda a espécie. Quantos se não treinaram afanosamente ao espelho, ensaiando com o maior requinte os adames da sua subserviência? Outros há, ainda, que tiveram de espartilhar o próprio carácter aos interesses de vaidades acomodaticias, para serem alcançados até à corte dos eleitos!

Tristemente, o sentido cavalheiresco da verticalidade, da honra, da dignidade, se foi amolecendo e definhando cada vez mais. E as qualidades e virtudes que haviam feito grandes os homens do Portugal de antanho, acabaram por ser postergadas e esquecidas, postas de lado como velharias inúteis e ultrapassadas.

O cúmulo, ainda, é esses embusteiros e impostores se convencerem de que todos os admiram e os louvam -e julgarem-se, por isso, não somente individualidades úteis ... como insubstituíveis!

(Adapt. livre de um texto de MANUEL ANSELMO)

• MÁRIO ALVES

Misericórdias Portuguesas em plena actualidade

① — Se transplantarmos para os nossos dias a acção das Misericórdias, verificamos que o seu espírito se mantém inalterável e que os irmãos nelas inscritos constituem Irmandades da Igreja, portanto instituições ligadas directamente à Igreja e à Hierarquia, de que dependem. As Misericórdias traduzem todas as formas de amor ao próximo, como se exige nos Evangelhos. Merecem, por isso, toda a compreensão e ajuda. Mas por esse motivo, com efeito, torna-se mais exigente a constituição das Mesas e a escolha dos irmãos. Quem pertence às Santas Casas, quem constitui a Irmandade, tem de assumir um compromisso perante Deus e sua Doutrina. Poderão e deverão ser leigos; o que se lhes exige fundamentalmente é formação cristã. Este aspecto é essencial e, em princípio, não deverá ser membro da Irmandade quem não procurar ser um bom cristão

② — Estes singelos apontamentos, pretendem significar duas coisas:

As Misericórdias são instituições únicas, no mundo. O seu campo de acção em ajudar o próximo abrange toda a gama do sofrimento e aponta à formação integral do Homem. Por isso, é que so deverão ter como irmãos, pessoas que dêem testemunho da sua fé, e que procurem com humildade servir os outros. Sem este modo de acção as Misericórdias poderão tratar muito bem do corpo, mas ficam secas e estéreis, falta-lhe a alma, o seu verdadeiro espírito!...

in NOVA ALIANÇA

Excertos de um artigo do
Dr. João Nunes Serras Pereira

Aos nossos leitores

Devido ao cumprimento de certas formalidades legais taxativas; cuja demora em muito ultrapassou a boa vontade e empenhamento desta Santa Casa da Misericórdia, este nº do "Boletim" e, certamente, alguns dos seguintes, virão a sair, ainda, com algum atraso sobre a data respectiva.

Por esse contratempo, que nem é, afinal, da nossa responsabilidade directa, pedimos, no entanto, as maiores desculpas a todos os nossos leitores e colaboradores.

DAR VIDA NOVA À VELHICE!

Já funcionam no nosso País cerca de uma centena de Centros de Dia para idosos, instituições onde as pessoas com mais de 65 anos de idade podem encontrar outras da mesma geração e mais novos, alimentação, ocupações e cuidados de saúde. Está, por outro lado, em estudo um serviço generalizado de ajuda domiciliária que se destina àqueles que preferem manter-se nas suas próprias casas, mas que sentem necessidade de algum apoio humano.

Este tipo de serviços dá aos idosos a possibilidade de manterem a sua individualidade e privacidade, permitindo-lhes simultaneamente romper o isolamento que na maioria dos casos caracteriza a vida dos idosos.

Num passado ainda demasiado recente entendia-se que o papel dos indivíduos na comunidade terminava quando atingiam a idade da reforma, após o que muitos eram «asilados» em lares ou em hospitais. Mas com o prolongamento da vida — por muitos e bons anos! — que faz com que seja cada vez maior o número dos que chegam a idades mais avançadas, as sociedades foram obrigadas a reflectir sobre o lugar e o papel que cabe aos idosos.

No nosso País, em que os idosos representam mais de 10% da população, também foi necessário e possível começar a pensar na terceira idade.

Os serviços que agora se começam a criar para os idosos têm em atenção que os mais velhos sabem o que querem e que velhice não significa obrigatoriamente doença. A maioria das pessoas com mais de 65 anos mantém-se válida física e intelectualmente, devendo-se em grande parte dos casos a falta de saúde e a dependência nesta idade à inactividade forçada, à falta de meios de subsistência e ao isolamento. Os idosos precisam, assim, do apoio dos serviços e das comunidades, mas para darem, eles próprios, «vida nova» à velhice!

D. G. S.

de «O POVO DO CARTAXO»

— Para facilitar as ofertas

No intuito de facilitar as ofertas a enviar para esta Misericórdia pode-se desde agora depositar em qualquer agência da CAIXA GERAL DE DEPOSITOS neste nosso número de conta:

MISERICÓRDIA DE SARDOAL

CONTA N.º 503 - C - 16

Ter de dar ao "lixo" importância de mais...

No nº 9 do "Boletim da Misericórdia", referente a Dezembro do ano transacto, era publicada uma local, da que se extrac

... de quem é a Responsabilidade?

Queremos referir-nos ao vazamento de lixo da Vila. Com efeito, durante um largo período, em uma propriedade desta Instituição, chamada "1 Baía", que se despejava todo o lixo da terra — a esmo, desordenadamente, sem uma escolha e separação convenientes e adequadas. A própria Câmara, tempos decorridos (e há cerca de 3-4 anos), reconhecendo como mal localizada aquela montureira — que utilizava, aliás, numa situação quase de emergência — resolveu transferi-la para outro espaço livre, com melhores condições higiénicas.

Só que, presentemente, os lixos urbanos e todos os detritos inúteis da terra passaram a ser vazados a cerca de 20/30 metros da Escola Secundária e de uma unidade fabril cuja actividade única é o fabrico de pão, bolos e pastelaria diversa — e se podem ver normalmente espalhados pelas bermas da rua de acesso àqueles edifícios e ao novo Bairro habitacional, para o qual a Câmara Municipal está vendendo talhões aos interessados.

(in "Boletim da Misericórdia")

Essa notícia, que foi reproduzida por alguns órgãos da Imprensa Regional, encontrou eco, também, junto do conceituado "Notícias de Abrantes", que a trasladou por inteiro.

Algum tempo decorrido, aquele semanário inseria um "esclarecimento" do Delegado de Saúde do Sardeal, referido àquele tema (o qual também em baixo se pode ler) e que o Jornal entendeu rematar, muito judiciosamente, com uma sintética "nota da redacção", sugerindo ao respectivo signatário se dirigisse ao órgão da Imprensa que primeiro a tinha publicado e aí aduzisse as suas razões. Só que tal recado foi tempo perdido, pois nem este "Boletim Informativo" nem a própria Santa Casa da Misericórdia receberam, alguma vez, qual quer desmentido, formal e directo, à sua reclamação publicamente expressa.

Tendo em atenção esse facto, mais do que sintomático e elucidativo, seria curial passar de lado e não dar mais importância ao assunto, deitando ao limbo do esquecimento a pretensa tentativa de rectificação. Mas, pelo muito respeito que deve aos seus leitores, o "Boletim" resolveu que se não deixasse em

branco essa subtil tentativa com que se pretendia vir a mascarar o caso real focado nas suas colunas.

Assim:

1. O escrito do Delegado de Saúde diz que (...) "a céu aberto" não existe nenhuma lixeira junto à Escola Preparatória/Secundária e à padaria que lhe fica vizinha. Talvez que pretendesse, desta forma hábil e velada, que se chamasse de "canteiro florido" a toda aquela emporcalhada montureira — a qual, aliás, tem vindo a continuar patente na zona referida!

Interpretando deste modo picaresco tal afirmação, algumas dúvidas legítimas surgem de imediato:

- a) Se se trata de um juízo meramente pessoal e subjectivo, mandará a boa ética social que se não leve a sério, por ser inane e falto de conteúdo real; b) se, por outro lado, tal expressão pretende fazer humorismo (barato) não suscita, de igual modo, uma resposta com a devida compostura; c) ainda se, ao contrário, quer assumir-se como uma "verdade autêntica", então, já os habitantes do Sardeal e todas as outras pessoas alertadas pela notícia, puderam conferir, com seus próprios olhos, esse quadro público, nada edificante!
2. Logo a seguir, prossegue a mesma contestação: "exista, sim, um aterro sanitário, que tem sido regularmente inspeccionado pelas entidades sanitárias e que tem funcionado de modo regular e correcto". Tomando como base este pseudo-argumento, logo ocorre perguntar:
 - a) porque não foi, então, indicada claramente, com precisão e sem evasivas, a localização exacta de tal aterro? b) qual a zona do concelho onde se encontra implantado? c) em que moldes se processa o seu funcionamento, que se pretenda fazer acreditar ser, assim, tão "regular e correcto"?

NO SARDOAL — De quem é a responsabilidade?

Tendo em atenção a notícia publicada na vossa edição de 23/3/84 sob o título "No Sardeal de quem é a responsabilidade?", venho informar V. Ex.ª de que não existe nenhuma lixeira a céu aberto conforme notícia, existe sim um aterro sanitário que tem sido regularmente inspeccionado pelas Entidades Sanitárias e que tem funcionado de modo regular e correcto. Pelo atrás exposto, agradeço que este Órgão de Informação

que muito prezo, não divulgue notícias sem previamente confirmar se estas que são publicadas noutros Meios de Divulgação são verídicas.

Com os melhores cumprimentos,

O DELEGADO DE SAÚDE,
Nuno José Cardoso Nandim
de Carvalho

N. da R.: — Limitámo-nos, apenas, a fazer uma transcrição. Se está mal ou errada, não é a nós que devem ser dirigidas as críticas. Indicámos a fonte, portanto...

in "NOTÍCIAS DE ABRANTES"

(Cont. na pág. 4)

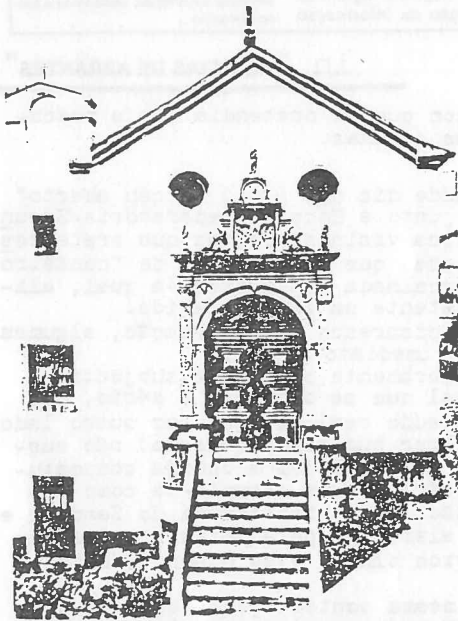
A IGREJA

DA MISERICÓRDIA

Já nestas colunas foi abordado, meses atrás, o aspecto de deterioração que se vem observando na velha Igreja da Misericórdia.

É certo que algumas reparações haviam sido feitas há pouco mais de dois anos, sob a tutela dos "Monumentos Nacionais" (por o imóvel estar arrolado como de "interesse público nacional, mas de facto as verbas dispendidas mostraram-se muito escassas para todas as beneficiações que seria mister!

Aquele belo templo é uma grande relíquia da terra e remonta à década de 1370. Com efeito, a actual Igreja da Misericórdia resultou da ampliação de uma ermida mandada erigir por D. Fernando I, quando, logo nos princípios do seu reinado, e fugindo à peste que assolava a capital, se veio refugiar nesta região, acompanhado de Leonor Teles - com quem mantinha, já, ligações amorosas que provocavam forte escândalo em todo o povo. Mal vistos, também, pela Igreja, que os considerava "pecadores públicos", devido ao grave exemplo que emanava da sua conduta, os dois amantes procuravam, sob todos os pretextos, acoitarem-se em sítios isolados do país, para obstarem à maledicência das populações. E, aproveitando a eclosão de uma epidemia, na área de Lisboa, aqui se vieram refugiar.



Porta principal da Igreja da Misericórdia

SARDOAL

Ter de dar ao "lixo" importância de mais...

(Cont. da pág. 3)

3. Não poderá ser passada em branco, ainda, uma ambiguidade de linguagem, naquela nota contestatória a qual, não sendo tomada como ignorância de sintaxe e/ou imperfeita redacção, apresenta um abuso na boa-fé dos leitores. Com efeito, lê-se no texto referido: (...) "não existe nenhuma lixeira, existe sim um aterro sanitário". É patente a ideia de fazer vincar que todo aquele estendal de imundície, a céu aberto, que foi apontado no artigo em causa, é afinal, um aterro sanitário, nas melhores condições de higiene e salubridade! Assim ressalta, pelo menos, da leitura daquela nota oriunda do Delegado de Saúde. Mas, tal juízo, carece absolutamente de fundamento.

As camuflagens de certos estilos literários, tomadas, às vezes, pelo leitor como desconhecimento das regras gramaticais mais simples e elementares, nem sempre têm a inocuidade que aparentam às pessoas de boa-fé ou de caridosa condescendência. Não raro sob uma capa de aparente ingenuidade, procuram confundir e baralhar, desviando a atenção objectiva dos assuntos e canalizando-a, muito subrepticamente, para direcções erradas... E, no caso vertente, que se deixou miudamente explicado, o leitor tirará as suas conclusões, sem dificuldades de maior...

4. Rematando, pois: - como anteriormente ficou referido, o ofício em causa não esclarece coisa alguma, não apresenta qualquer justificação de interesse, nem invalida o relato feito sobre aquela nódoa da terra. Limita-se a alinhar palavras e frases de nexos truncados, onde a realidade dos factos sai deturpada num estilo pretensiosamente declamativo, coroado por um fecho de sentencioso conselheirismo.

Talvez como compensação para o facto de não terem sido demasiado hostilizados nesta zona (se bem que as pessoas os não vissem, também, com excessiva condescendência...), O Rei deliberou, depois, mandar construir em Sardoal uma capela para uso religioso da população, e ofertou Abrantes e seu termo, como dote pessoal, a Leonor Teles.

Aquela capela veio, mais tarde, a ser bastante ampliada na sua área útil, até à superfície actual (fins do sec. XVI), recebendo também, na altura, uma nova decoração exterior, que é de inspiração renascentista, e onde se cruzam, visivelmente, traços largos do estilo manuelino, então em pleno desabrochar. Tais obras deram-se por concluídas em 1511 - conforme, aliás, se pode ler numa inscrição gravada na pilastra esquerda do arco de entrada. Mas, durante os séculos seguintes, veio a ter, ainda, outras beneficiações episódicas, nomeadamente em 1720, altura em que foi alterada a sua traça interior, com a imposição de largos frisos de azulejos nas paredes laterais e no altar-mor, nos quais se podem admirar figurações pictóricas de invulgar concepção e expressividade.

Pois esse belo monumento que, como se deixou referido, está sob o arrolamento e a protecção oficial do Estado, foi vítima, recentemente, de uma afronta ignominiosa. Sucedeu, com efeito, há poucos meses, aparecer um grupo de pedreiros, que disseram "vir da parte dos Monumentos Nacionais", os quais efectuaram a caiação exterior da Igreja - e, na mesma altura, por "simplificação", chapearam a cimento e areia os belos labores de talha esculpidos na cantaria das pilastras da porta principal, nas zonas em que o desgaste das intempéries, com o rolar dos séculos, as tinha esboroadas e delidas! Em vez de (como seria curial) se terem mandado recompor, em pedra nova, essas belas peças de labor arquitectónico, numa oficina de canteiros especializados em reconstituições, achou-se mais "prático" e cómodo entrouxá-las sob algumas chapadas de cimento negro, camuflado seguidamente com umas demãos grosseiras de cal e ocre!

Isto, num país em que os meios da Comunicação Social a toda a hora se desfazem emlouvaminheiros e concómiolos a um conhecido departamento oficial que tem por missão específica salvaguardar todo o espólio cultural português e que, por isso mesmo, se chama "Instituto Português do Património Cultural". Julgar-se-ia, a propósito, que devesse trabalhar em íntima conexão com os serviços da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Mas, no caso vertente, essa prova está por fazer...

M.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardoal - 2230 SARDOAL

4 Nº 11

Junho de 1984

(Distribuição gratuita)

Publicação mensal